

## 2.7 SERÁ QUE ISTO QUE ESTOU TE ESCRREVENDO É ATRÁS DO PENSAMENTO?<sup>1</sup> (DIÁLOGO COM *ÁGUA VIVA*, DE CLARICE LISPECTOR)<sup>2</sup>

JEAN-LUC NANCY

**Resumo:** Texto originalmente proferido como conferência que ausculta o processo de escrita como endereçamento, em diálogo com o processo de escrita de Clarice Lispector em *Água viva*. O texto cita o primeiro título que Clarice daria ao que depois se tornou *Água viva*, *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*. O que se escreve se escreve sempre ao mesmo tempo “a” você, e “com” você, tendido pela preposição no gesto do endereçamento, e de ser-com, e nessa tensão, é. É preciso que o monólogo “com” a vida se transforme em um diálogo com o outro, que ocorre na transformação da escrita em leitura, e da leitura em escrita. “Eu” escreve “com” e “para” Clarice, na medida em que sempre se escreve “com” e “para”; é preciso que a escrita se escreva na diferença para com esse outro.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; *Água viva*; diálogo; monólogo

**Abstract:** Text originally read as a conference which examines the process of writing as address, in dialogue with Clarice Lispector’s process of writing in *Água viva*. The text quotes the first title Lispector would give to what later became *Água viva*, *Behind Thinking: Monologue with Life*. What writes itself is always written “to” you, and “with” you, in which one senses the preposition which tenses the gesture of address, and being-with, and in this tension, is. The monologue “with” life must become a dialogue with the other, which takes place in the transformation of writing in reading and of reading in writing. “I” write “with” and “to” Lispector, in the sense that one always write “with” and “to”; writing must be written in the difference in relation with this other.

**Keywords:** Clarice Lispector; *Água viva*; dialogue; monologue

<sup>1</sup> NANCY, Jean-Luc. Ce que je suis en train de t’écrire, serait-ce derrière la pensée? In: ALFANDARY, Isabelle (dir.) *La Littérature sans condition*. Lormont: Le Bord de l’eau, 2020.

<sup>2</sup> As citações de Clarice em português foram retiradas da seguinte edição: LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019. [N. T.]

## I

Escrever-te, a quem? A você, a você que é você como eu sou eu. O livro o diz e, por acidente, pela concordância de um epíteto, ele sugere que você é masculino e, igualmente, por uma outra concordância, que eu sou feminino. É a única diferença. É a diferença que permite te escrever. Mesmo se essa diferença não tem outra forma nem outra clareza que não essas concordâncias devidas aos caprichos da língua. Mas ela permite te escrever, isto é, escrever.

Uma única frase basta, tanto em português quanto em francês: “Eu te conheço todo por te viver toda”. *Todo, toda*.<sup>3</sup>

Escreve-se a você ou a mim, mas sempre a. É preciso essa distância. Não é realmente uma diferença, é uma distância. De mim a você ou de um à outra. Ou de uma ao outro: apenas a diferença da distância. Em português, *você*, para dizer “tu”, é o resíduo de um antigo “vós”. No português brasileiro, todo rastro disso é apagado. Utiliza-se indiferentemente *você* ou *tu*. Mas se diz “te”, quando se trata de um complemento – *te conheço, te viver*<sup>4</sup>.

*Você* indica uma interpelação. Você, que eu conheço e vivo, eu te escrevo. Você sente? eu sinto.

Às vezes, posso usar *você* como complemento indireto: “*Estou dando a você a liberdade*”. A você, à plenitude de você. E é um gerúndio – *dando* –, eu estou dando, sou doador<sup>5</sup>, é uma doação contínua a você todo.

É o que faço ao escrever. Ao te escrever, eu te libero. Eu te libero inteira. Você ou eu. Você e eu.

---

<sup>3</sup> Para distinguir as palavras em português no original das palavras em francês adotamos a convenção de grafar as palavras em português em itálico. (N. E.)

<sup>4</sup> Marcia Cavalcante me disse que o uso varia de acordo com as regiões do Brasil. Mas ela tem certeza de que o emprego de “você” nesse texto corresponde a certa distinção ou a ênfase. Eu não sou o mesmo leitor segundo um ou outro endereçamento. É isso o que me inquieta e intriga. [N. A.]

<sup>5</sup> “*Je suis donnant*”, no original. [N. T.]

Entre mim e você há essa distância que se chama escrever. Que demanda escrever. Que permite escrever. Que acaba sempre por se escrever, em todos os tempos e lugares, com carta<sup>6</sup> ou livro, com voz ou teclado.

É a distância entre conhecer e viver. Eu te conheço, eu te vivo. Escrever vai de um ao outro, pois um sem o outro não vai a lugar algum, fica no lugar, estaca, paralisa. De um ao outro se estende a distância de você a você, de mim a mim. Distância infinita e nula. Instante eterno.

Distância de ser a ser sem a qual nada poderia ser. É por isso que ela diz “E se eu digo ‘eu’ é porque não ousou dizer ‘tu’, ou ‘nós’ ou ‘uma pessoa’, sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando, mas sou o és-tu”. Ela não se contradiz quanto à pessoa, pois, na primeira vez, é *pessoa* – exatamente como em francês “*aucune personne*” [ninguém, nenhuma pessoa] (e também o nome de um grande escritor dessa língua) –, enquanto, na segunda vez, é *personalizar*.

Ser o *és-tu* é certamente ser a distância em que você é, em que eu te situo ou eu te projeto, a fim de que você seja e de que eu mesmo seja a abertura desse afastamento que nos coloca em presença um do outro.

Em presença não é a palavra. Nem presença nem relação. Trata-se apenas de ser. Quer dizer, de nascer. Ela escreve: “você me faz nascer”. Você nasce em minha escrita, você nasce dela, nela e como ela. Assim, você me faz nascer – não se pode dizer “por minha vez”, pois é junto, simultâneo, instantâneo. “Este instante é. Você que me lê é”. E adiante: “Eu é”. E ainda mais longe: “Agora é um instante. Você sente? eu sinto”.

## II

Mas eu, aqui, que te leio? Eu que leio isso que você escreve a você que te lê? Que é que estou fazendo aqui e agora? sou apenas um leitor entre tantos outros. Eu percorro as suas linhas, viro suas páginas. Eu entendo. Eu tento entender. Mas você escreve: “não sei sobre o que estou escrevendo: sou obscura para mim mesma”.

Você está querendo dizer que cabe a mim encontrar uma clareza? Você me diz: “Ouve-me, ouve o silêncio”. E imediatamente em seguida: “O que te falo nunca é o que

---

<sup>6</sup> “*Lettre*”, “carta” ou “letra”. Utilizamos “carta”, pois o livro de Clarice se faz como endereçamento, à moda de uma carta. [N. T.]

eu te falo e sim outra coisa”. Então também não é esse silêncio de que você acabou de falar.

Assim você me torna obscuro a mim mesmo. É isso o que você procura? Te ler significa fechar os olhos?

Mas é certo que eu estou, eu, aqui, te lendo e tentando anotar minha leitura, é certo que eu sou aquele a quem você diz *tu* ou *você* (se dá na mesma, não vamos voltar a isso). Quem é o seu leitor?

É o filólogo ou o filósofo, teórico ou amador da língua aquele que pega teu livro na biblioteca e anota e glosa e prepara uma conferência sobre o teu livro? Este não te leu ou não pode te ler. Ou então não sabe o que é. Não sabe que *te* ler, você, não é ler uma outra. Não sabe que ler é sempre ler você – quem quer que seja.

Ser leitor é ser seu leitor. O leitor dessa obscuridade que é só tua. Que só emana de você.

Eu sou, então, um outro leitor? outro que não o intelectual ou o amador? Três vezes você escreve: “*Você que me lê*”. Eu adoro pensar que assim você me homenageia, que você me saúda. Mas você também escreve, você também me escreve: “Escrevo-te porque não chegas a aceitar o que sou”. Então, se eu aceitasse o que você é, você não me escreveria. Você também escreve: “Nunca lerás o que escrevo”.

Então eu posso renunciar, porque é causa perdida.

Mesmo se eu quisesse persistir em te ler, seria causa perdida.

### III

No entanto, você mesma me explica por que não seria totalmente causa perdida. Você escreve, você me escreve que “depois de [te] lere[m] é difícil reproduzir de ouvido a [tua] música”. Com certeza. A música nunca pode ser reproduzida, pode-se apenas ressoar com ela, em uma outra clave. Contudo, você me escreve que, mesmo assim, eu teria “compartilhado dessa primeira existência muda”.

Muda no sentido de que ela não contou uma história, não me forneceu retrato nem anedotas nem relato. Mas de que porta o “tom de emoção de quem poderia mentir mas não mente”. E você acrescenta que “isso basta” para que minha leitura não seja em vão. Para que eu mereça a tua frase: “*Você que me lê*”.

Você me escreve: “Ouve-me, ouve o meu silêncio”. E você acrescenta: “O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa”.

Outra coisa que não isso de que se fala: aí está o que se encontra ou o que se esquia “atrás do pensamento”.

Você pergunta ou finge perguntar se isso que me escreve se encontra ou se passa atrás do pensamento<sup>7</sup>. Você acrescenta que, em todo caso, isso não é “atrás do raciocínio”. Você até mesmo especifica: “Raciocínio é que não é”. Você sugere, porém, que seria possível te acompanhar na cessação do raciocínio. Mas não seria para se entregar a piruetas de cinema. Tua liberdade não é “nem arbitrária nem libertina”. Não se trata de abalar ou desafiar nenhuma espécie de ordem, de composição, de concepção ou de figura. Trata-se de estar no nascimento da palavra e da coisa. No instante de seu comum nascimento, que é também o teu, no instante em que você “quer a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real”.

“É de uma pureza tal esse contato com o invisível núcleo da realidade”.

Ora, você diz, “é apenas a graça de uma pessoa comum que a torna de súbito real porque é comum e humana e reconhecível”.

Aí está o que você me diz. E você me escreve: “Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois?”.

#### IV

O real, sim, eis o que se encontra atrás do pensamento, no ponto preciso em que o tangível e o intangível coincidem, a coisa e o sentido. O sentido, é possível que ele se esquive. Você escreve: “Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa”.

*A veia que pulsa...* sim, teu sentido é aquele da pulsação, da pulsão, da impulsão, daquilo que pulsa e ritma, que sacode e que comove. Não um imaginário “sentido da vida”, mas a vida que se sente viver, que se sente vir e passar, que sobe à sua superfície e foge para o mais obscuro.

---

<sup>7</sup> Fernanda Bernardo me disse que o primeiro título do livro ia ser *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*. Como entender esse “com”? A vida está ela mesma no monólogo ou ele é endereçado a ela? No último caso, o leitor é a vida. Eu sou a vida. É por isso que você diz que você me vive? Seria eu a vida que você vive? A leitura da escrita? [N. A]

O real mais real palpitando, escapando, se abandonando, se dilatando e se fechando, se exacerbando, se dispersando. Sobretudo não cessando nunca de recuar mais para trás que atrás. Atrás é simples demais, acessível demais, mesmo em sua dissimulação ou em sua esquivança. Você diz: “Atrás do pensamento – mais atrás ainda – está o teto que eu olhava enquanto infante”.

O teto, a parede mais opaca, mais insensível. O próprio limite – que o olhar da criança ilimita, pois você encadeia: “De repente chorava. Já era amor. Ou nem mesmo chorava. Ficava à espreita. A perscrutar o teto. O instante é o vasto ovo de vísceras mornas”. De repente, atrás é uma profundidade, uma espessura inesgotável.

E como você o escreve! Cinco frases breves, seguidas de uma expansão, de um derramamento imprevisto com dois epítetos. Mais adiante, serão teu perfume e tua cifra que se encontrarão “atrás do pensamento”. Um pouco mais longe, isso se acentua e ressoa: “Bem atrás do pensamento tenho um fundo musical. Mas ainda mais atrás há o coração batendo. Assim o mais profundo pensamento é um coração batendo”. Atrás do pensamento, é o pensamento. É seu ritmo, sua pulsão. Uma página mais adiante, “é uma sensação atrás do pensamento”, você diz sobre a “realidade nova” para a qual até aqui não há nem pensamento nem palavra. Mais longe, você especificará: “é mais uma sensação atrás do pensamento”. Ela não é simplesmente atrás: a retração, o impensado se faz sentir ali. Nesse intervalo, você insistiu, apoiada sobre o retraimento: você vai, escreve você, “atrás do atrás do pensamento”. Mais adiante, você escreverá: “Atrás do pensamento atinjo um estado. Recuso-me a dividi-lo em palavras”. A palavra “estado” não é uma palavra? Mas ela não fraciona, ela apenas diz que você atinge. Que você toca. Que você está ali. Que você é – ou que você vive, e que essa vida pulsa.

E que você a escreve. Ou, antes, que ela se escreve, que seu batimento se escreve. Como você dirá ao final: “O que te escrevo é um ‘isto’. Não vai parar: continua”.

## V

Assim como atrás é sempre retirado mais atrás, isso que você escreve continua. Não aqui, não na clausura desse livro. Para terminar, você escreve: “O que te escrevo aqui é um ‘isto’”. Você já havia escrito: “Será que isto que estou te escrevendo é atrás do pensamento?”. Isto aqui, isso. O que você escreve é isto: apenas “é”. Da mesma forma,

você disse que é um “isto” o leite que você quer me dar. Você escreve com frequência “isto”, o isso que é e que é apenas isso, que está inteiro na plenitude ou na fugacidade do ser. O coração que bate no seu peito te basta e você diz “Basta-me o impossível vivo do it”.

É isso que continua do seu livro. Você diz: continua. Isso continua aqui em três linhas:

“Olha para mim e me ama. Não: tu olhas para ti e te amas. É o que está certo.

O que te escrevo continua e estou enfeitiçada”.

Isso que você me escreve habita no amor a mim que é certo porque é a vida do *it*. Isso se ama, quer dizer, isso vive. A vida que você vive de mim me faz viver disso que você me escreve. Eu me amo impessoalmente. É isso o que ler quer dizer. Escrever quer dizer impessoalmente fazer se amar aquela/aquele que lê. Você, eu.

Eu me olho, sim: eu vejo um outro. Não um leitor, alguém que não se parece com ninguém, mas alguém, homem ou mulher, que me vive. Eu sou vivido. Eu sei. Atrás de mim, eu sinto. Ou ao lado. Alguém que é. Você diz, é “palavra mais importante da língua”. E você a escreve em negrito. E você diz que na sua língua ela tem uma única letra: **É**. Na minha língua, um único som: **Est**.

Não se trata do ser. Trata-se do instante. Você escreve: “no instante está o ‘é’ dele mesmo”. O instante é, há apenas o instante que é. Ele não tem ser, ele é.

É isso que está atrás do pensamento e ainda mais recuado. O instante é vivido como eu sou vivido por você. Eu não sou, mas ele é eu, como você.

Ele é, então eu não sou. Ele é escrito. Ele se escreve. Quer dizer que ele é escrito “ao fio da pena”<sup>8</sup>, como você diz, e a pena desfia esse fio à sua própria sua vontade. Você diz: “não mexo no que ela escrever”.

Escrever está sempre por vir. Mesmo que você tenha preparado. O fio se alinhava atrás do pensamento.

---

<sup>8</sup> No original: “*au fil de la plume*”. Embora a expressão *au fil*, possa ser, como em português, “ao correr”, traduziu-se literalmente por “fio” [*fil*] devido ao paralelo que Nancy faz com o campo semântico de “fio”, “desfiar”. Em português, o trecho original de Clarice é “Agora vou escrever *ao correr da mão*: não mexo no que ela escrever”. Em outros momentos do livro, a expressão também aparece como “escrever ao correr das palavras”. [N. T.]

## VI

É assim que isso continua. Ao fim desse livro, começam outros livros. Ou recomeçam.

Todos os livros passam por aí. Eles vêm aí ou eles vêm daí. Você escreve: “Talvez o título do que estou te escrevendo devesse ser [...] ‘E as tartarugas?’”, já que, “todos os seres vivos [...] são um escândalo de maravilhamento”, e eles o são pois são formados da “matéria-prima – it”. A matéria-prima, é isso que você trabalha, você disse. É o que está atrás do pensamento. Na sua língua, “matéria-prima” se escreve com hífen. Como um bloco, como uma palavra.

E as tartarugas? As feras do Tártaro, sua língua diz “tartaruga”, os seres vivos mais próximos do instante, calmos blocos aqui embaixo que de repente levantam suas cabeças. O “é” da tartaruga se encarapaça. Todos os livros continuam sob suas carapaças, e o teu os faz levantar a cabeça. *As tartarugas, Água viva, Genji Monogatari, O convidado de pedra, De Natura rerum, 2666*: todos vêm de atrás do pensamento, todos conduzem para lá.

Quando os leio, escuto que eles me chamam como você. Cada um está me escrevendo. Eles me dizem que me vivem. Eles me dizem que escrevem um “isto”. Cada um o seu, incomparável, inimitável, inassimilável. Cada um o seu instante e cada um, como você, escrito “à medida de seu fôlego”. Nenhum sabe. Eu sinto a cada vez seu hálito e o batimento de seu sangue.

E cada um escreve, como você, que “só no ato do amor – pela límpida abstração de estrela do que se sente – capta-se a incógnita do instante que é duramente cristalina e vibrante no ar e a vida é esse instante incontável, maior que o acontecimento em si”.

*Só no ato do amor*: essa assonância, essa aliteração, é apenas você que a canta, aqui, neste instante.

Tradução: Isadora Bonfim Nuto